

O cinema-jornalismo saiu das salas de aula

ARNALDO JABOR



Estava do lado de fora da Imprensa e agora voltei para dentro. De certo modo nunca sai, porque o Cinema Brasileiro é filho direto da imprensa estudantil dos anos 60, daquela “cubancan” utópica que nos movia, os anos JG, os pós JK, os anos em que o Brasil tinha um futuro.

Fomos fazer cinema por espírito de jornal. Fundamos o “Metropolitano”, um jornal de vanguarda de 1962 que lançou a nova esquerda independente no Brasil. Era todo em caixa baixa e irreverente, primo irmão do “Suplemento Dominical do JB”, que introduziu a cultura moderna urbana do país. Do “Metropolitano”, que circulava encar-

tado no “Diário de Notícias” saíram vários cineastas e críticos, como Carlos Diegues, David Neves, Sérgio Augusto, Affonso Beato, e eu. Andei pela UH, onde fui reles interino do Paulo Francis, rolei pelo Diário Cartoca e terminei editando a revista “Movimento” da UNE.

O que importa é dizer que o cinema novo saiu do jornalismo, que por sua vez saiu da sala de aula e que “jornalismo” para nós significava uma busca feroz da chamada “realidade brasileira”, outra categoria da época que perseguiamos como a um bicho fugitivo. Das revistinhas internas dos colégios saímos para a imprensa estudantil e de alunos viramos meio “professores” tentando ensinar a outros alunos como “salvar” o país. Como amávamos o país, como amávamos os pobres, os proletários. Lembro-me de ficar até altas horas nas oficinas de jornal fechando páginas no chumbo até o flan ir para a calandra, só para estar entre operários.

E fomos fazer filmes como se faz

jornalismo. Documentários-verdade (meu primeiro filme era uma pesquisa crítica sobre a “classe média” brasileira, A Opinião Pública). Mas jornalismo era tudo no Cinema Novo. Glauber era jornalista, viera da revistas Mapa e da A Tarde, Nelson Pereira era Copydesk da JB, os filmes invasivos, corrosivos, críticos, indignados.

Aí a televisão foi furando o “projeto de um Brasil livre com a imagem nova”... nossos sonhos de totalidade se esgarçaram, com recaídas ocasionais. Lembro que após o enterro de Glauber fomos para um bar da Av. Atlântica organizar uma ação popular contra a Embratel, pois queríamos uma antena de TV, a TV do Cidadão. As Redes de TV acabaram com um sonho, a ditadura com outros, a recessão de 82 em diante com o resto. Conseguiram exterminar o cinema brasileiro, mas o espírito verdadeiramente jornalístico de muitos ficou por aí.

O Brasil se espedaçou em milhares de “realidades brasileiras” e o

jornalismo ficou (ficamos todos) de queixo caído com a riqueza, a polivalência, a maravilhosa inventividade da escrotidão nacional. Milhões de ladrõezinhos saíram de dentro do corpo morto da ditadura: oportunistas, picaretinhas, milhões de anõeszinhos, vermezinhas se atracaram na nacionalidade e a roem com afinco descarado.

Acho então, ainda dentro do espírito de 63, que o jornalismo está hoje na primeira fila da cultura brasileira. Mais importante nas salas de aula de hoje que qualquer aula de história geral. Acho que o jornalismo brasileiro tem hoje uma missão (missão?) mais profunda que da denúncia da ditadura. Acho que a denúncia é necessária mas é fácil. Ao jornal cabe levar os signos à decifração, cabe agora descobrir ligações entre os fatos, conexões, pistas, roteiros, formas de sobrevivência para este país abandonado pelo mundo. Ao jornalismo cabe mais ensinar que denunciar. A grande aula de Brasil quem está dando é a Imprensa.